

MOVIMENTO DOS OUVIDORES DE VOZES: EXPRESSÃO DE DIFERENTES MODOS DE VIVER, SENTIR E ESTAR NO MUNDO.

ALICE NUNES SANTO¹; DIÔNVERA COELHO DA SILVA²; RITA DE CÁSSIA
MACIAZEKI-GOMES³.

¹Universidade Federal do Rio Grande – alicenunessanto@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande – diionveracoelho@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande – ritamaciazecki@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Movimento dos Ouvidores de Vozes surgiu no final dos anos 80, em Utrecht, na Holanda, com o objetivo de reconhecer quais os sentidos que os sujeitos conferiam para suas crises psíquicas, especialmente para a experiência de ouvir vozes. O movimento se deu a partir do encontro do psiquiatra Marius Romme e sua paciente Patsy Hage, diagnosticada com esquizofrenia e risco de suicídio, em uso de antipsicóticos e ouvidora de vozes (KANTORSKI; ANDRADE, 2017). O contato entre Marius e Patsy possibilitou que ela questionasse, junto ao psiquiatra, o tratamento oferecido as pessoas que relatavam ouvir vozes e a estigmatização social que estava posta. Segundo Barros e Júnior (2014, pg. 559),

Na cultura ocidental moderna, a audição de vozes é comumente associada à experiência da “loucura”, situada no âmbito da individualidade, da experiência subjetiva, passando a ser classificada, também, como um sintoma psiquiátrico passível de tratamento.

Como contraponto à classificação diagnóstica que reduz o fenômeno da audição de vozes à um problema de ordem farmacológica, a abordagem dos “Ouvidores de Vozes” constitui-se como uma alternativa ao saber estritamente psiquiátrico. Nesse sentido, a proposta inclui e valoriza a incidência subjetiva da vivência e acompanha seus desdobramentos na relação do sujeito com o mundo (MUÑOZ et al, 2011). De acordo com Barros e Júnior (2014, pg. 558), “o movimento dos usuários na área da saúde mental procura a justiça social, [...] buscando romper com o estigma alienante das pessoas que apresentam sofrimento psíquico”.

Para Cristina Contini (ouvidora de vozes e pesquisadora), o ouvir vozes pode ser uma escolha coerente, visto que a privacidade não existe, nem mesmo algo que não possa ser dito, como são os segredos, e que tutelar a privacidade é uma forma de não tê-la, para ela sua privacidade possui acesso livre (KANTORSKI; ANDRADE; CARDANO, 2017). Deste modo, algumas pessoas que tiveram acesso a recursos que oportunizam a liberdade, podem produzir e instituir novos significados para suas experiências frente ao sofrimento psíquico (KANTORSKI; ANDRADE, 2017).

O movimento dos “Ouvidores de Vozes”, ao partir do entendimento sobre a experiência subjetiva de cada sujeito, não o encaixando num padrão único de ser, pensar e sentir, possibilita a ampliação da autonomia relacionada ao (auto)cuidado em saúde mental, desligando-se assim, das formas prévias de patologização que, ainda, servem para aprisionar e estigmatizar, especialmente, as pessoas que ouvem

vozes. Tendo presente o contexto apresentado, este trabalho tem por objetivo refletir sobre o movimento dos “*Ouvidores de Vozes*” e suas contribuições para as novas perspectivas em saúde mental.

2. METODOLOGIA

Para realização deste trabalho, foi realizada uma busca de estudos sobre o tema nas principais bases de dados e em sites oficiais do Movimento dos Ouvidores de Vozes. Trata-se de uma revisão bibliográfica, em andamento, que utilizou como critério de seleção e inclusão das fontes, artigos científicos e livros que oportunizassem reflexões e contribuições do movimento dos ouvidores de vozes para novas perspectivas em saúde mental.

3. RESULTADOS e DISCUSSÃO

De acordo com Kantorski e Andrade (2017), as abordagens tidas como transformadoras no campo da saúde mental baseiam-se no entendimento de que é possível construir outras formas de se enfrentar o sofrimento psíquico, e que tais formas precisam ter a participação das pessoas que sofrem. No entanto, as práticas psiquiátricas convencionais tem se apoiado na remoção dos sintomas da alucinação auditiva verbal, desconsiderando o significado da experiência das pessoas que ouvem vozes.

Embora os medicamentos antipsicóticos sejam importantes para algumas pessoas, há uma proporção significativa (30%) que, ainda assim, experimenta os “sintomas” (como ouvir vozes), apesar do uso de doses muito altas de antipsicóticos (BARROS; JÚNIOR, 2014). Além disso, medicação anti-psicótica impede o processamento emocional, e, portanto, a cura, do significado das vozes (ROMME; ESCHER, 2000). A abordagem do Movimento dos Ouvidores de Vozes entende que um importante fator está na maneira com a qual o sujeito lida com as vozes, ou seja, que o tratamento deve-se pautar sobre essa relação.

A manifestação das alucinações auditivas verbais possuem ligação com a história de vida de cada sujeito, desenvolvendo-se, muitas vezes, como um mecanismo de defesa vinculado a algum trauma psíquico. De acordo com o livro “*Vivendo com Vozes- 50 histórias de recuperação*”, são comuns as experiências traumáticas decorrentes de: abuso sexual (18%), negligência emocional (11%), problemas da adolescência (6%), altos níveis de estresse (4%), sofrer bullying (2%), abuso físico (2%). Nesse sentido, aprender a lidar com as vozes é importante para a recuperação de uma pessoa que esteja em sofrimento, pois, dessa maneira, torna-se possível acessar as questões socioemocionais que estão nas raízes.

A vivência de ouvir vozes pode se dar de maneiras distintas entre os sujeitos, “existem pessoas que ouvem vozes e têm uma relação positiva com essa experiência, [...] já aqueles que se sentem submetidos a essa experiência, [...] estão mais predispostos a desenvolver uma relação negativa com as vozes” (BARROS; JÚNIOR, 2014, pg. 565). Os grupos de Ouvidores de Vozes oferecem um lugar seguro para falar sobre as vivências subjetivas, muitas vezes angustiantes. Para Barros e Júnior (2014), o compartilhamento de experiências permite o intercâmbio e o alívio, através do diálogo, assim “ao não se tratar do igual, abre-se a possibilidade

de fazer existir a dimensão do semelhante”. A organização de grupos possibilitam estratégias de autoajuda e ajuda mútua entre os ouvidores de vozes, ao constituírem espaços coletivos para o compartilhamento de vivências, trocas de informações e a composição de estratégias de enfrentamento (KANTORSKI; ANDRADE, 2017), consolidando-se, assim como um importante dispositivo de cuidado em saúde mental (FERNANDES; ZANELLO, 2018).

Sobre as distintas formas de lidar com as vozes, Cristina Contini transformou o que ouvia em lições, como as que são ensinadas por professores, sentindo-se livre para viver sua vida, se abrindo para o mundo e para a construção de uma vida. Para isso, também solicitou o auxílio das vozes (KANTORSKI; ANDRADE; CARDANO, 2017). E, ela nos questiona, as vozes são um problema? Percebe-se assim, uma mudança de perspectiva na forma como este processo é experienciado.

Nesse sentido, contrapondo-se ao saber psiquiátrico quando insere esse sujeito no centro das práticas referentes a saúde mental, implica pensar os direitos não como imutáveis e universais, mas “garantir e afirmá-los enquanto diferentes modos de sensibilidade, diferentes modos de viver, existir, pensar, perceber, sentir; enfim, diferentes modos e jeitos de ser e estar neste mundo.” (COIMBRA, 2001, p.142). Nesta perspectiva, as estratégias terapêuticas estão relacionadas diretamente “ao protagonismo e o respeito às singularidades dos sujeitos que experimentam algum tipo de sofrimento mental” (KANTORSKI, et al, 2017, p. 1144). E, assim, ao invés de padronizar, diagnosticar e calar, a aposta terapêutica se constitui na escuta e compartilhamento da experiência de ouvir vozes, suas dificuldades e sofrimentos, inerentes a singularidade de cada uma das histórias de vida narradas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este trabalho, que objetivou refletir sobre o movimento dos “Ouvidores de Vozes” e suas contribuições para as novas perspectivas em saúde mental, conclui-se que o sofrimento psíquico ocasionado pela experiência de ouvir vozes necessita ser visto como uma questão social, tanto pelas suas causas, quanto no que diz respeito ao tratamento, não podendo ser reduzido apenas à medicalização do sofrimento. O movimento de Ouvidores de Vozes torna-se uma estratégia potente de cuidado em saúde mental, pois busca modificar a rotulação arraigada às pessoas que ouvem vozes, tratando esse sofrimento psíquico com respeito às individualidades e às subjetividades dos sujeitos. Trazendo assim, importantes contribuições para novas perspectivas em saúde mental, principalmente no que se refere ao protagonismo e a autonomia do sujeito. A experiência de ouvir vozes, não é mais tamponada, mas ocorre por meio da expressão das vozes, se permitindo ir ao encontro daquilo que elas têm a dizer e ensinar, entendendo-as como parte da vida, no enfrentamento aos medos e dificuldades, inerentes à experiência humana.

5. REFERÊNCIAS

BARROS, Octávia Cristina; SERPA JÚNIOR, Octavio Domont de. Ouvir vozes: um estudo sobre a troca de experiências em ambiente virtual. **Interface-Comunicação**,

Saúde, Educação, v. 18, p. 557-569, 2014. Acessado em 7 de Setembro de 2018. Online. Disponível em:
<https://www.scielo.org/article/icse/2014.v18n50/557-569/en>.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. Psicologia, direitos humanos e neoliberalismo. **Revista Psicologia Política**, v. 1, n. 1, p. 139-148, 2001. Acessado em 10 de Setembro de 2018. Online. Disponível em:
<http://www.fafich.ufmg.br/~psicopol/pdfv1r1/Cecilia.pdf>

FERNANDES, Henrique Campagnollo Dávila; ZANELLO, Valeska. O grupo de ouvidores de vozes: dispositivo de cuidado em saúde mental. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.23, 117-128, 2018. Acessado em 10 de Setembro de 2018. Online. Disponível em:
<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/39076/pdf>

KANTORSKI, Luciane Prado; ANDRADE, Ana Paula Müller de; CARDANO, Mario. Estratégias, expertise e experiências de ouvir vozes: entrevista com Cristina Contini. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 21, p. 1039-1048, 2017. Acessado em 8 de Setembro de 2018. Online. Disponível em:
<https://www.scielo.org/article/icse/2017.v21n63/1039-1048/pt/>.

KANTORSKI, Luciane Prado; DE ANDRADE, Ana Paula Müller. Assistência psiquiátrica mundo afora: práticas de resistência e garantia de direitos. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, v. 9, n. 24, p. 50-72, 2017. Acessado em 8 de Agosto de 2018. Online. Disponível em:
<http://stat.ijie.incubadora.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/4979/5108>.

KANTORSKI, Luciane Prado et al . Grupos de ouvidores de vozes: estratégias e enfrentamentos. **Saúde debate**, Rio de Janeiro , v. 41, n. 115, p. 1143-1155, Dec. 2017 . Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042017000401143&lng=en&nrm=iso

MUÑOZ, Nuria Malajovich et al. Pesquisa clínica em saúde mental: o ponto de vista dos usuários sobre a experiência de ouvir vozes. **Estudos de Psicologia** (Natal), 2011. Acessado em 7 de Setembro de 2018. Online. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v16n1/a11v16n1.pdf>.

ROMME, M., ESCHER, S., ZAGALO-CARDOSO, J. A., & CUNHA-OLIVEIRA, J. A. (1997). **Na companhia das vozes: para uma análise da experiência de ouvir vozes**. Lisboa: Estampa.